

## Archeologia trasmontana

Lamas de Orelhão.—A Inscripção de Escovaes.—Serra de Santa Comba

Á noticia que de Lamas de Orelhão dá o *Archeologo Português* no vol. v, pag. 30, temos de acrescentar o que lemos a pags. 811—815 de um curioso e já quasi gasto manuscrito intitulado *Tombo de S. Sebastião do Cobro*, feito pela mão piedosa de um seu reverendo parochio, P.<sup>o</sup> Mathias Pires, e que me foi mostrado pelo actual encomendado de Lamas, o meu velho amigo P.<sup>o</sup> Antonio Claudino Duarte Monteiro, na occasião em que percorri aquelles sitios.

Vae com a mesma epigrapha, e respeitada a dicção, mas alterada a orthographia, porque esta, a calligraphia e as abreviaturas tornam bastante difficil a sua leitura. Eis o

*Memorial do Sitio d'este concelho de Lamas de Orilhão.*  
Setembro 6 de 1688

«A villa de Lamas de Orilhão está assentada no fundo da serra, que chamam Rei de Orelhão, para o norte seis leguas da Torre de Moncorvo, e para sul sete leguas da villa de Chaves, entre a villa de Mirandella e Murça de Panoias. Tem para a parte do sul junto da villa aonde pegam algumas casas está<sup>1</sup> um outeiro, que algum dia esteve cercado, de que ha ainda vestigios, e dentro da cerca moravam os moradores d'esta villa, e para a parte do norte bem se parece, que houve um fosso para defenza da praça, e mais para poente, e para o norte, ao pé da villa está uma capella de Santa Barbora com a era de 1620. Dizem pessoas antigas que ainda moraram dentro alguns moradores, que n'ella n'este tempo estiveram as casas da audiencia a prisão e loige (?) e que n'ella esteve o pelourinho. E tinha uma cisterna.

«E para esta villa veio um Gaspar Vaz Teixeira homem poderoso e natural de Oucidres, de Monforte, e que diz fizera as casas da audiencia, que mudára o pelourinho, para onde hoje está junto da igreja matriz que é de Santa Cruz.

«N'este tempo que seria pela era de 1630 veio para este concelho tambem um regulo por nome Gonçalo Teixeira de Miranda natural de

<sup>1</sup> [Ha de supprimir-se este *está*, ou o *tem* do principio do periodo, a não ser que falte algum trecho.—J. L. DE V.]

Constantim de Villa Real e cirurgião (?) da casa do Marquez de Villa Real senhor d'esta villa e das mais do seu marquezado; e veio com sua mulher e com quatro filhos, e se aposentou no cimo da villa para a parte do sul em que fez casas porquanto lhe deu o dito marquez o officio de juiz dos orfos, e n'ellas fez um poço.

«E depois pela era de 1640 fez de novo uma quinta junto do logar dos Paços a que poz o nome de *Bom regalo*, de que apanhou muitas fazendas, umas por dinheiro outras á força d'elle, e para esta quinta pediu ao concelho todas as amoreiras que pôde, cercando esta quinta toda de amoreiras que foram mais de 500—e posto secassem muitas ainda tem muitas, e n'esta quinta teve muitas arvores de varias castas de fructo, como n'ella se deixa ver.

«E por baixo d'esta quinta fez uma fonte de cantaria com seus pilares, e muitas curiosidades, e para ella dizem os moradores de Lamas que o dito Gonçalo Teixeira de Miranda mudou a cantaria do tanque d'esta villa.

«E onde estava o tanque poz uma pia em que descarrega o rego de agoa, para beber as crias d'esta villa, a qual pia está aonde chamam o Val do Asno indo para o Franco, junto da estrada aonde descarregava uma fonte que vinha do cimo da serra para a parte do norte, para n'ella beberem as bestas dos passageiros, e tudo o mais.

«Tudo isto fez este regulo, que provavelmente estava no inferno, porquanto elle depois de já ser velho, foi ver um filho a Constantim, e de noite partio de uma janella rasgada abaixo e lá está sepultado que diz pela era de 1660 pouco mais ou menos.

«As casas do outro regulo são umas que pegão no adro da igreja para o sul. Os herdeiros do regulo Gonçalo Teixeira de Medeiros foi seu genro Gaspar Teixeira de Miranda que foi juiz dos orfos.

«E d'este procede Bento Teixeira de Miranda que tambem foi juiz dos orfos quatro vezes uma na era de 1710 (?)

«E d'este são filhos um Francisco Teixeira Bahia que mora em Bornes de Aguiar.

«E outro filho Luiz Bahia de Miranda de Macedo de Cavallo que já deu em seu pai—mas tambem o Bento Teixeira tinha dado em seu pai Gaspar Teixeira.

«Teve outra filha por nome Feleciana casada com José Maria de Mirandella cavalleiro da ordem de chisto professo.

«E dentro da cerca da villa se conta, que no tempo dos mouros se recolheram n'esta cerca os christãos, que foram uns falsos, que entregaram as chaves aos mouros e degolaram todos os que estavam dentro, que dizem chigara o sangue aonde hoje está o pelourinho.

«E d'esta villa eram naturaes S. Leonardo, e sua irmã Santa Comba, de gente lavradora e pobos que andavam no monte guardando o gado de seus pais; foi o rei mouro, que se chamava Orilhão, e quiz entender com a moça, elles foram fugindo até aonde está um penhasco alto, e a santa se metteu pela fraga e alli escapou, que milagrosamente se lhe abriu a passagem para dentro, e dizem lhe tiraram as tripas, coração, e as botaram a um poço que está logo por baixo do penhasco para o nascente o qual nunca secca bem (?) estar no alto da serra. E da parte de fóra do cabeça está outra capella da invocação de S. Leonardo que dizem foi aqui martirisado.

«Aqui acodem muitas procições de varios povos a pedirem agoa aos Santos e tudo Deus lhe concede por sua intrevenção.

«A esta parte lhe chamam agora a Serra do Rei Orilhão e em um cabeça que está para sul da capella dos Santos está o refugio donde morava o rei mouro.

«Esta serra não tem senão monte e no alto aonde chamam Archo de traz da Serra por cima dos Paços está uma fonte que brota muita agoa, e de inverno fumega e de verão muito fria e com a agoa rega uma lameira que é do limite dos Paços aonde vão pastar os seus bois no verão. Em toda esta serra se criam muitos lobos, e corças, e rapozas.

«Esta villa colhe mediano pão, algum linho, e azeite e castanha ao pé da serra, e tem tres fontes. Tem um rego d'agoa que vem da serra, mas não rega senão uma parte da villa para o norte.

«Tem oitenta vizinhos com suas Quintas—Cascalhal, Ribeirinha, Carrapata e Fonte da Urze.

«Carrapata tem uma fonte, na sua ermida a fonte é muito pezada de agoa, tem quatro moradores—Cascalhal, quatro moradores e fonte e não tem ermida—Ribeirinha uma capella de Santo Antonio e uma fonte para o nascente e outra aonde chamam Picaboi mas sendo fria e muito pesada—Lamas tem tres ermidas—N. S. do Amparo, S. Braz e Santa Barbara.

«Teve capitão mór, sargento mór e quatro companhias de ordenanças com seus officiaes;—dois juizes ordinarios; tres moradores e procurador; dois almotaceis, escrivão da camara, tres escrivães do publico, e notas; um geral dos achados nos logares de legoa a fóra outro dos achados de legoa a dentro e mais da confidencia; um escrivão das sizas, um juiz dos orfos com seu escrivão, e um porteiro, e um alcaide pequeno. Tem este concelho os logares seguintes: Franco, Villa boa, Pereira, Avidagos, Carvalhal, Rego da vide, Cobro, Escovais, Barcel, Val-verde, S. Silvestre, Marmelos, S. Pedro, Fonte da Urze

que tem tres capellas com a de S. Luzia, Bruneda, Gulfeiras, Eivados, Eixes, Succães e Paços.

«Entra n'esta villa por correição o ouvidor de Villa Real, e entra o provedor da Torre no que lhe toma a sua jurisdicção.

«Fonte da Urze tem uma fonte, e a capella de Santa Luzia e outra de Santa Ursella, outra mil virgens, e outra de S. Apolinario, e o coadjutor de Lamas diz missa alli aos dias santos, que lhe pagam os moradores as offertas e mais benesses são do vigario de Lamas».

\*

No *Memorial* menciona-se como pertencendo ao concelho de Lamas a povoação de Escovaes, que ficava effectivamente a 4 kilometros a sul, onde hoje se descobre só um pequeno agglomerado de casas em ruinas que enchem de tristeza a quem por ali passa.

A um canto, encobertos pelos muros das habitações, vêm-se os restos de uma pequena capella aonde se lê numa pedra de cantaria fina, mettida numa das paredes, a seguinte inscripção em lettras bem legiveis:

OP.ÆAS PRESÆL DARIR<sup>A</sup> V  
 GR: DSÆ IG<sup>A</sup> M DO VREFORMÆRES  
 Æ CAPELÆ · S. M<sup>A</sup> DAPRSÆ Æ Ç<sup>A</sup> O DSÆ  
 QT<sup>A</sup> PORSV Æ VO Ç Æ O ER Æ . 1681:

que transcrevemos por ser a única memoria que resta, perdida e abandonada, d'esse logar aonde houve *deuses e lares*.

\*

A *Serra de Santa Comba* é um enorme massiço de 1:001 metros de altitude e de fórma quasi circular, de onde se divisa vastissimo horizonte, limitado pelas principaes montanhas do systema transmontano, taes como as serras de Nogueira, Montezinho, Marão e Padrella, e pela Senabria, que pela grande extensão em que se avistava coberta de neve e pela sua projecção no ceu, parecia a via lactea correndo na direcção NE-NO. Tudo leva a crer, que em tempos não sabidos, allumiou com os seus clarões vulcanicos toda esta immensa amplidão, pois ainda se vêm espessas camadas de pedras calcinadas, quebradiças



e ennegrecidas que a cobrem quasi toda, impedindo bastante a vegetação, cuja existencia só se explica como sendo restos de um vulcão, cujo respiradouro principal, a cratera central, devia ser esse enorme e bem definido cone a que chamam Fojo, onde agora tomam origem dois pequenos regatos.

De onde em onde encontram-se grandes rochedos de schisto que apresentam algumas cavidades semelhantes a grutas, distinguindo-se uma de mais de 20 metros de comprimento, que parece artificial e obra talvez de quando se diz que houve nesta serra desenvolvida exploração de minas de antimonio. E como fortalezas naturaes prestaram guarida aos primitivos habitantes d'estes logares, pois nalguns recintos por elles limitados vêem-se restos de muros de pedra solta que serviram de vedação e de habitações. O *refugio* do Rei Orillão é um castro nestas condições, bem como é o local em que está a capella de Santa Comba e outro que se encontra junto do caminho dos Paços, indo da fraga do Arasco.

E estes castros devem ser de origem muito primitiva, pois assim se induz da sua simplicidade, natureza e organização, mas tambem da lenda de Santa Comba referida no *Memorial*, em quasi tudo semelhante á de *Santa Comba dos Valles*, que se lê em a nota do vol. 1, pag. 382, das *Religiões da Lusitania* do Sr. J. Leite de Vasconcellos. E o cavado pintado de vermelho da fraga junto da ermida, que dizem ser ora a lançada do mouro, ora o sitio em que foi degolado ou em que a rocha se abriu para esconder a santa, não é outra cousa senão um signal prehistorico como muitos que o mesmo autor menciona na mesma obra. O que é verdade e digno de attenção, é que a lenda indica ter havido uma revolução em defesa da virgindade offendida, confirmando este facto, que se encontra referido em tradições de outros logares d'estes sitios<sup>1</sup>.

A pouco mais de um kilometro, a éste, da capella está a *fraga da conta*, chamada assim pelos pastores que a indicaram, que era porque tinha um letreiro que os nascidos não eram capazes de ler nem entender. Felizmente, com grande espanto e admiração dos pobres e rudes cabreiros, e dos meus tres companheiros, eu pude ler em lettra já bem gasta—CAMINHO PARA OS PAÇOS E LAMAS!

E assim era, porque junto d'elle passava o caminho para estas duas povoações. Como depois soube, a minha decifração quebrou todo o en-

<sup>1</sup> As lendas de Nossa Senhora de Balsamão em Oliveira e do Castello de Robordãos.

canto que tinha esta fraga, á cêrca da qual se contavam as mais interessantes e curiosas historias nos povoados de volta da serra.

E não admira que se digam lendas de onde o silencio da montanha, o esplendoroso e indisciplinavel panorama que se descortina, e a mudez da historia nos levam á meditação e a formar um mundo verdadeiramente phantastico e imaginario!

E quem sabe se o castro, onde se ergue a ermida, não foi já um templo, cujo deus desconhecido se foi com os crentes que lhe prestaram culto?!

Bragança, Março de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

### Questionario Archeologico

Por mais de uma vez se tem elaborado questionarios archeologicos com o fim de se recolherem elementos para o estudo das nossas antiguidades. Assim, por exemplo, na *Revista Archeologica*, I, 110 sqq., publicou um o fallecido escriptor Borges de Figueiredo; e dois outros se publicaram no *Archeologo Português*, I, 268 sqq., e II, 237, ambos com caracter official, o primeiro pertencente ao seculo XVIII, o segundo a este seculo.

O Sr. Albano Bellino, a quem a archeologia do Minho deve já bastantes serviços, publicou agora tambem um, que aqui reproduzo a seu pedido, e no interesse da sciencia nacional.

J. L. DE V.

#### Questionario

I.º—Nomes dos montes e outeiros. Alem d'isso, alguns d'elles teem o nome de Cividade ou Cidade, de Castro ou Crasto, de Castêllo ou Castêllo, de Cristêllo, Cerca e Citania? Ha em alguns d'esses montes vestigios de fortificações? Tradições relativas a mouros? Objectos de ouro, bronze ou cobre? Pedras esculpidas?

II.º—Penedos ou lages com buraquinhos no alto, circulos nelles gravados, pègadas ou quaesquer signaes attribuidos aos mouros. Ha grupos de penedos que formem grutas?—Penedos balouçantes? Ha alguns com nomes exquisitos, como «penedo» ou «pedra da moura», «cadeira do diabo», «egreja do diabo», etc., etc.?

III.º—Rios, ribeiros. Os seus nomes, onde nascem, onde desaguan, que logares ou povoações atravessam.

IV.º—Pontes. Se ha alguma ponte com arco ou arcos antigos, se a ella se liga alguma superstição, como o ter sido construida pelo diabo; ser escolhida para d'ella se tirar agua á meia noite e batizar qualquer creança, etc.